



## A INSTRUÇÃO NA CAVALARIA (II)

### COISAS QUE NÃO MUDARAM...

Cel GILBERTO PESSANHA

#### O RECONHECIMENTO

1. Das missões que lhe podem ser atribuídas, a que mais ressalta as características fundamentais da Cavalaria, suas propriedades essenciais e as qualidades dos seus quadros, da sua tropa e dos seus meios é, por certo, o Reconhecimento.

No Reconhecimento, seja o General Comandante da DC, seja o Tenente ou o Graduado Comandante de Patrulha, seja o simples soldado, todos têm oportunidade de demonstrar o conhecimento das possibilidades e limitações da Arma, seu modo de atuar e, acima de tudo, "a aptidão para as missões mais diversas e o gosto da iniciativa".

De fato, para lançar-se em profundidade no "*espaço* (aparentemente) *livre*", varar a "rede de contra-reconhecimento inimiga", discernir o encontro com a sua "rede de segurança", rompê-la nos pontos mais favoráveis e "tomar contacto" com os grossos adversos para colhêr as informações necessárias ao Comando, o cavalariano tem que demonstrar qualidades que se opõem — audácia e prudência, calma e vivacidade, além do sangue-frio e coragem imperturbável que deve manter diante das situa-

---

(II) — O primeiro artigo foi publicado no n. 556 de A DEFESA NACIONAL (Novembro de 1960). Os interessados poderão solicitá-lo à Direção da Revista — Nota da Direção.



ções mais diversas. Em suma, tem que aplicar — e bem — aquilo que a Doutrina e os exercícios lhe ensinaram, qualquer que seja a sua hierarquia, General ou Soldado.

2. Outrora, a missão de “Reconhecimento” denominava-se “Exploração”, com as mesmas características e imposições que lhe dão hoje os atuais regulamentos: fornecer ao Comando os informes necessários ao desenvolvimento de seu Plano de manobra. Sua execução era realizada por elementos de efetivo variável que se denominavam “Reconhecimento”, geralmente comandados por oficial, que eram lançados sobre regiões ou em direções importantes para o Comando necessitado de informações.

O desenvolvimento dos meios materiais, em particular o armamento e a aviação, bem como o progresso no emprêgo das forças terrestres, trouxe modificações à organização dos elementos de busca de informes. A DC, “em Exploração” passou a ser informada pelos *Destacamentos de Descoberta*, que lançavam “Reconhecimentos”, e, em casos especiais, diretamente por Reconhecimentos, tudo constituindo a “Descoberta Terrestre” que operava em íntima ligação com a “Descoberta Aérea”. A necessidade de repelir os elementos de reconhecimento e de segurança do inimigo, para possibilitar o contacto com os seus grossos determinava — face às prováveis reações que seriam encontradas — a organização de órgãos de busca capacitados não só a colher os informes, como a realizar ações ofensivas seja para abrir o caminho, seja para caracterizar a situação do adversário.

Atualmente, conforme a nomenclatura adotada nos nossos Regulamentos, a missão geral de Busca de Informes se denomina “Reconhecimento” e é realizada por meio de Destacamentos de Descoberta e por “Patrulhas de reconhecimento”.

3. Sem a intenção de reabrir velha polêmica, — mas apenas com o desejo de esclarecer os “novos” — há que fazer alguns reparos à terminologia vigente, embora a nomenclatura ou a denominação do elemento examinado tenha pouca importância, quando a sua missão é bem definida. Afinal de contas, é esta (a missão) que vale...

O termo “patrulha” era, anteriormente, reservado aos pequenos elementos encarregados de *missões de segurança*: patrulhas de vanguarda, de retaguarda, de flanco, de postos avançados, de combate. Sob a “proteção” das patrulhas os elementos que as lançavam progrediam, marchavam ou prolongavam a segurança que lhes proporcionavam os postos fixos.

Tais patrulhas, ainda hoje, estão sempre ligadas à tropa a quem proporcionam segurança e à qual pertencem. Seus itinerários, direções de marcha e zonas de ação, são determinados e fixados; seus movimentos, permanentemente coordenados com os da tropa a que servem; sua missão — evitar surpresas à tropa, permitir-lhe tomar ou modificar seu dispositivo assinalando a presença ou a aproximação do inimigo e, se necessário ou se não houver ordens em contrário, engajar-se em combate com ele para ganhar tempo. Seus informes, sobre o terreno e sobre o



inimigo estão subordinados à zona de ação recebida e à distância a que devem se manter da tropa a que servem.

Vemos, então, que as Patrulhas ditas “de Segurança”, têm comportamento e ações inteiramente subordinados às ordens e prescrições recebidas da tropa em proveito da qual operam.

E o Reconhecimento, ou “Patrulha de Reconhecimento” como hoje se denomina? Ele nada tem a ver, senão indiretamente, com a segurança da tropa a que pertence — só se preocupa com o inimigo que procura ou com os informes que deve obter; nenhuma razão, além de ordem recebida, pode justificar o seu afastamento da missão que lhe foi dada, salvo o aprisionamento ou a destruição; sua missão — obter informe ou informes sobre o inimigo, sobre o terreno, ou o que fôr, *à frente da rede de segurança amiga*.

Normalmente o Reconhecimento evita o combate, caso este não seja o único modo de obter o informe desejado. Isolado no “espaço livre” entre a tropa amiga e o inimigo, o Reconhecimento deve esforçar-se por passar despercebido dos órgãos de contra-reconhecimento e de segurança do adversário; cuja presença e posição assinala e informa; seu efetivo reduzido, que lhe dá grande mobilidade, possibilita a dissimulação; além disso, não estando amarrado a itinerários fixos, nem tendo de garantir a segurança das tropas amigas, tem grande flexibilidade de escolha para atingir os pontos de onde se deseja informes; em consequência, não vasculha o terreno senão com o interesse de assegurar o seu próprio deslocamento.

Recusar o combate, num encontro inopinado com o inimigo, desviar-se dele para cumprir a sua missão de busca mais além, conforme a ordem recebida, não constitui desonra para nenhum Comandante de Reconhecimento. Os informes a colhêr, indicados na missão, é que o governam — tudo que impedir a sua obtenção deve ser evitado; o Chefe que deles necessita assim o espera. Lançados diretamente pela DC ou por qualquer outro escalão, as missões dos Reconhecimentos são semelhantes e o seu modo de operar não varia. VER e INFORMAR é a sua preocupação.

Vemos, então, que as Patrulhas ditas “de Reconhecimento” não estão subordinadas às ações da tropa à frente da qual operam; sua ação se subordina às necessidades de informes do Chefe que os lançou. Assim parece-nos, o termo “Patrulha”, ligado tradicionalmente a elementos que realizam Segurança, não deveria receber o qualificativo “de reconhecimento”. A expressão assim formada, representa, do ponto-de-vista operacional, uma antinomia, em que pese algumas similitudes de modo de ação das patrulhas e dos reconhecimentos.

4. Algumas normas regulamentares (*e tradicionais*) regulam o procedimento dos Reconhecimentos e de seus Chefes:

(1) É o Cmt do reconhecimento que cumpre a missão — ele é que *deve ver para informar*.



(2) O lugar do Cmt do Reconhecimento não é fixo; êle se desloca onde possa ver (em segurança), tomar decisões, comandar seus homens e completar os informes dêstes.

(3) O Reconhecimento marcha por lanços, progredindo de um ponto de observação favorável a outro, onde se detém momentaneamente para observar.

(4) Desde que, por algum motivo, a dispersão não se imponha, o reconhecimento marcha concentrado — o que não quer dizer, como um bloco — com todos os homens à vista do Cmt, permitindo maior mobilidade e aproveitamento das cobertas.

(5) Se fôr necessário, o reconhecimento deve ser imprudente para ver e observar — só se pode ver de onde se tenha vistas.

(6) Em caso de encontro inopinado com o inimigo, ou quando fôr emboscado, o reconhecimento procura escapar, lançando-se com todos os seus meios sôbre o adversário e atirando para matar.

(7) Todos os componentes do reconhecimento devem conhecer a sua missão e manter-se permanentemente orientados durante o deslocamento.

(8) O informe mais completo e importante perde todo interêsse se fôr enviado com retardo.

(9) Enviar sômente os informes que interessem ao Chefe que o destacou — os que a missão exige e os que com êstes tenham ligação.

(10) Uma vez descoberto o inimigo, acompanhá-lo, observá-lo sem se deixar surpreender e manter o Chefe informado.

(11) Em qualquer situação, passar despercebido — o caminho mais longo é, quase sempre, aquêle que leva o reconhecimento ao local de onde deve informar. Máximo de velocidade nos deslocamentos, para poder *parar e bem observar* nos observatórios selecionados. Não olvidar a Missão: **INFORMAR, INFORMAR, INFORMAR...**

## 5 — Um Exemplo Histórico

Muito de propósito, escolhemos um exemplo quase centenário, para mostrar que há “Coisas que não mudaram...”

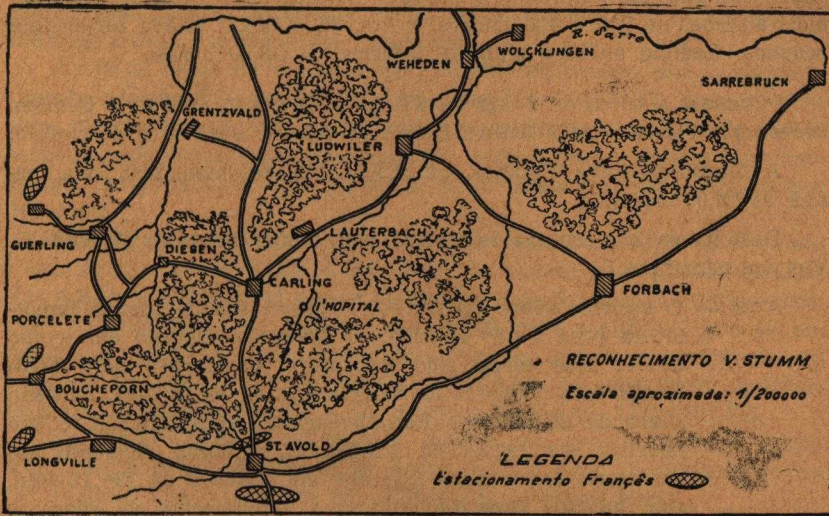
### O RECONHECIMENTO DO TENENTE VON STUMM

(VER CROQUIS)

Na manhã de 6 de agosto de 1870 — dia da Batalha de FORBACH, na Guerra Franco-Germânica — o 7º C. Ex, do I Ex Alemão, se achava em duas colunas que se deslocavam para o Rio SARRE; a coluna da direita, constituída pela 13ª Divisão, deveria desembocar ao S do rio por WOLKLINGEN.

Sabia-se que os Franceses haviam evacuado SARREBRUCK e supunha-se o grosso de suas forças estivesse entre FORBACH e ST AVOLD. Não havia informações precisas a respeito dos movimentos franceses e o Cmt do I Ex não se havia preocupado em esclarecer-se naquele eixo, como seria óbvio.





O Cmt da Vanguarda da 13ª Divisão, julgando necessário obter informações sobre ST AVOLD, deu ao Ten VON STUMM, do 8º Regimento de Hussares, a seguinte ordem:

“Com um Suboficial e 12 homens, reconhecer a margem esquerda do SARRE e, agindo como um grupo independente, atingir o mais rapidamente possível ST AVOLD, onde se supõe que se encontrem as forças principais do inimigo, cujas posições, tanto quanto possível, devem ser reconhecidas pela retaguarda e flanco esquerdo.

Conforme as necessidades, o reconhecimento deverá ficar dois ou três dias ausente, seu Cmt ficará inteiramente independente, agirá por sua própria iniciativa e enviará freqüentemente e o mais cedo possível informações à retaguarda.”

*Nota* — Observar o modo arcaico pelo qual a ordem foi redigida e, ao mesmo tempo, a inteira liberdade que foi dada ao reconhecimento para cumprir a missão — bem caracterizada — reconhecer ST AVOLD.

— As informações pedidas seriam particularmente úteis aos escalões superiores. Para a 13ª Divisão, não teriam utilidade imediata: ela iria deslocar-se no eixo WOLCKLINGEN-LUDWEILER-CARLING e, para as suas necessidades, o que importava era saber o que se passava em CARLING.

O Reconhecimento transpôs o SARRE ao meio-dia; deslocando-se pela estrada WEHEDEN-LUDWEILER-CARLING, atingiu esta última localidade, sem tropeços, quase no fim da tarde.

Deixando CARLING, o Ten VON STUMM marchou para ST AVOLD pela estrada que liga as duas localidades. Nessa estrada, encontrou um



viandante que lhe informou haver um destacamento francês instalado mais adiante, de 300 a 400 metros, e que ST AVOLD estava fortemente ocupada. Redigiu então o seguinte informe, às 18,00 horas:

“Cheguei a cerca de 6 km de ST AVOLD e não encontrei inimigo. Parece que ele está em FORBACH, de cuja direção ouço tiros de canhão.

A última patrulha francesa, em CARLING, foi assinalada esta manhã às 07,00 horas.

Deve haver uma centena de homens num campo diante de ST AVOLD. Vou aproximar-me.”

*Nota* — O informe sobre CARLING, negativo, era de grande importância para a 13ª Divisão, se houvesse chegado em tempo útil... Não tendo sido informada, desviara-se para FORBACH para cooperar na batalha que ali se travava. Lançado a grande distância, o Reconhecimento VON STUMM, e não havendo, na região de FORBACH, nenhum elemento encarregado da busca de informes em proveito da 13ª Divisão, esta unidade teve que aplicar o *mandamento* da época, à falta de ordens ou de informações... “marchar para onde troa o canhão...” Outra teria sido a decisão do seu Cmt, se o informe de VON STUMM tivesse chegado em tempo.

Tendo despachado o Estafeta que levava o informe, o Ten VON STUMM ordenou ao pessoal que desembainhasse espadas e prosseguiu ao trote pela estrada para ST AVOLD. Algumas centenas de metros, logo adiante, foi recebido por violento fogo de infantaria. Atingido de raspão por uma bala, ordenou meia volta aos seus homens e, ao galope, penetrou no bosque à W da estrada. Esgueirando-se com o reconhecimento por dentro do bosque, atingiu sua orla Sul, cerca de 800 metros do Posto de Segurança cujos elementos avançados o haviam recebido a tiros. Dali pôde observar ST AVOLD.

Dois grupamentos de tôdas as armas bivacavam, um ao Norte da cidade e outro nas colinas ao Sul dela. Um trem militar estava parado na via férrea. VON STUMM redigiu então o seu segundo informe e o enviou para LAUTERBACH, orientando o estafeta para que atingisse a localidade utilizando as estradas que cortavam os bosques.

Ao retrair-se para CARLING, já ao escurecer, VON STUMM soube, por camponeses, da existência de outro bivaque de tropas em BOUCHEPORN, tendo decidido, apesar da falta de luz, deslocar-se para essa região. Atravessou CARLING ao galope e tomou o caminho para DIESEN. Ao desembocar da floresta, encontrou um moinho onde requisitou víveres e forragens para o reconhecimento; seus homens não comiam desde a refeição matinal, antes da partida.

Enquanto os homens e os animais comiam, o Tenente STUMM, sozinho, deslocou-se pela orla do bosque até que percebeu fogos de bivaque nas alturas de BOUCHEPORN. Redigiu, então, o seu terceiro infor-



me e o enviou por dois estafetas. Em seguida, retirou-se com o reconhecimento para dentro do bosque, onde passou a noite com os cavalos ensilhados, rédeas nas mãos dos cavaleiros.

As 04,00 horas do dia 7, VON STUMM infiltrou-se com o reconhecimento pelo bosque, na direção da herdade de GRINHOF, onde contava obter víveres. Quando redigia a requisição, ouviu tiros; seus exploradores de ponta, que observavam pouco adiante, regressaram a galope informando que se aproximava um Esquadrão de Dragões franceses seguido por infantaria.

Reunindo seus homens, VON STUMM voltou com o reconhecimento a todo galope para DIESEN e, daí, procurou o local onde passara a noite. Mas o Reconhecimento já estava assinalado e os Dragões lhe deram caça. VON STUMM lançou-se, então, rapidamente para CARLING que já encontrou ocupada por dois esquadrões inimigos; penetrou novamente no bosque e procurou a direção de CREUTZVALD de onde pôde observar, ao longe, grandes movimentos de tropa na região de LONGVILLE.

Em CREUTZVALD, o Tenente redigiu seu quarto informe, muito minucioso e o expediu às 07,00 horas para o Cmt da Vanguarda da 13ª Divisão, que o recebeu em FORBACH às 09,30 horas.

A partir dessa última mensagem, a missão de VON STUMM perdeu o interesse para a 13ª Divisão; logo depois, em CREUTZVALD, êle recebeu ordem para recolher-se à sua unidade.

#### 6 — Observações

A — do ponto-de-vista operacional, muito embora considerados a época e os meios utilizados, o caso que apresentamos mostra muito bem:

(1) que um reconhecimento não deve ser lançado a uma distância tal que não possa ser apoiado ou acolhido pela tropa que o lançou, seja para completar os informes já colhidos, seja para aprofundar a busca no sentido da missão imposta;

(2) que a busca profunda de informes deve ser determinada pelo escalão ao qual interessassem tais informes; os informes de VON STUMM interessavam muito mais ao 7º C Ex e ao I Ex do que à 13ª Divisão que o havia lançado a mais de 20 km de distância e não pôde tirar partido deles; ficou patenteado que — caso, na época, fôsse usual o seu emprêgo — tal missão deveria ter sido realizada por um Destacamento de Descoberta, lançado, no mínimo, sob as ordens do 7º C Ex. Impulsionado pelo Chefe que realmente estivesse necessitado dos informes, tal elemento poderia produzir todos os frutos esperados;

(3) que um reconhecimento não pode estar em tôda parte — êle não tem o dom da ubicuidade — é enviado a um ponto para esclarecer uma situação. VON STUMM assinalou tropas importantes em ST AVOLD, em BOUCHEPORN e, mais tarde, em LONGVILLE. A permanência da busca de informes no objetivo do reconhecimento — ST AVOLD — não pôde ser mantida. Os contactos interessantes estabelecidos pelo reconhecimento demonstraram quanta utilidade teria uma busca organizada a base de reconhecimentos apoiados por um elemento de coordenação.



Tendo recolhido o reconhecimento, por ordem superior, e não havendo outros elementos de busca lançados na região, interrompeu-se o contacto com o inimigo que teria valor inestimável para o prosseguimento da operação.

B — Do ponto-de-vista da execução, verifica-se:

(1) a primeira mensagem enviada teve por base os informes de viandantes que não foram verificados nem cotejados; ela foi expedida 6 horas após o início da missão. Além disso, sua redação era imperfeita. Não tendo chegado até ST AVOLD e somente por ter ouvido tiros de canhão que supôs em FORBACH, STUMM redigiu — “parece que êle (o inimigo) está em FORBACH”... Apesar do indício fornecido pelo seu informante (destacamentos inimigos logo adiante e ST AVOLD fortemente ocupada) que, também, contraditóriamente, constava do seu informe;

(2) embora informado da presença de elementos inimigos na estrada, à frente de ST AVOLD e na própria localidade, VON STUMM prosseguiu por ela, ao trote, tendo ordenado “desembainhar espadas”... Com isso poderia ter comprometido o êxito do reconhecimento, poderia perder homens ou vê-los aprisionados. Um reconhecimento deve ser como um fantasma...; pressentida a presença do inimigo ou informado disso, o reconhecimento deve prosseguir por itinerários que o ocultem a fim de buscar um local de onde possa observar sem ser pressentido, colhendo, destarte, o máximo de informes;

(3) o segundo informe enviado foi fruto da boa técnica de reconhecer; mergulhando no bosque a NO de ST AVOLD, o reconhecimento desbordou a estrada e os elementos de segurança avançados e pôde observar a localidade sem que o Pôsto de Segurança, 800 metros à L, pudesse pressenti-lo. O que foi visto contradizia a informação anteriormente enviada; era importante, portanto, que a nova mensagem fôsse despachada rapidamente e com as maiores possibilidades de chegar ao destinatário; no caso, dois estafetas a conduziriam, por itinerários diferentes; o informe era inapelavelmente real.

*Nota* — A respeito da regra — VER, PARA INFORMAR — a tradição oral da nossa Cavalaria assinala um fato bem característico. Num dos movimentos revolucionários da década dos 30, um dos nossos mais destacados Chefes, já falecido, comandava um RC que operava em S. PAULO. Tendo recebido ordem para restabelecer o contacto com o “inimigo”, rompido havia 48 horas, o Regimento foi lançado por um eixo que seguia a direção geral da via-férrea, tendo enviado reconhecimentos sobre as regiões onde, possivelmente, o “inimigo” poderia ser encontrado. O Reconhecimento que se deslocava no eixo geral de marcha do Regimento utilizava, para transmissão dos informes, do “selétivo” da estrada de ferro, além dos outros meios normais. Deslocando-se com a Vanguarda do Regimento, ao passar por uma das Estações



ferroviárias, o Cmt foi cientificado de que o Tenente Comandante do Reconhecimento desejava informá-lo urgentemente. Indo até o local onde se achava o “seletivo”, o Cel entrou em ligação com o Tenente, estabelecendo-se o seguinte diálogo:

— Ten: Fui informado de que cerca de 2.000 “inimigos” estavam ontem na região de... e iam se deslocar na nossa direção. Pela conversa que mantive com os informantes, é possível que essa força esteja a 1 km, mais ou menos, daqui onde estou.

— Cel: (que constataria um “certo nervosismo” no Ten) Você já viu isso tudo, ou mandou alguém verificar? Algum outro indício, além da informação dos “paisanos”?

— Ten: Não, Sr. Cel; desde que recebi êsse informe estou parado aqui para transmiti-lo e receber novas ordens...

— Cel (pachorrentamente...) Tenente... Toque para diante e vá ver isso de perto... Se fôr possível, faça um “esbôço” da localização... Dentro de meia hora, ou pouco mais, estarei com o Regimento aí por perto... Até logo.

(O Tenente *foi ver* o que havia no tal lugar e nada encontrou...).

(4) o aproveitamento das cobertas permeáveis, aliada à mobilidade do Reconhecimento, constitui a melhor segurança, porque possibilita iludir a vigilância dos postos inimigos ou de suas patrulhas, furtar-se à perseguição e *ver sem ser visto* — condição ideal para uma observação calma, minuciosa e durável.

(5) operando isoladamente na “terra de ninguém”, o Cmt de Reconhecimento deve ter sempre em mente a MISSÃO e os informes que ela exige. A carta da região é um elemento primordial para orientar o Reconhecimento e para a escolha — grosso modo — dos pontos de observação favoráveis ao cumprimento da missão de informar. Caso VON STUMM tivesse pensado na sua Missão — VER ST AVOLD — e consultado a carta, chegaria à conclusão de que não haveria necessidade de ir até a localidade para saber o que ali se passava; agindo contrariamente, recebeu tiros, foi ferido e — o que era muito pior — *revelou sua presença*. No dia seguinte era caçado, primeiro em DIESEN, depois em CARLING, o que o obrigou a abandonar o eixo geral de reconhecimento.

(6) em todas as ocasiões que se apresentaram, VON STUMM muito acertadamente furtou-se ao combate. A missão do reconhecimento não o impõe. Somente na iminência de ser aprisionado o Reconhecimento deve, por todos os modos, combater e lutar para escapar.

(7) durante a noite, após obter víveres e forragens, VON STUMM retirou-se para um local coberto e manteve o Reconhecimento pronto para deslocar-se a qualquer momento. O repouso, no cumprimento da missão de



reconhecer, é relativo e os bosques e matas oferecem boa cobertura e abrigo, muito particularmente à noite. As localidades são quase sempre excelentes "ratoeiras" e, tanto de dia, quanto de noite, o Reconhecimento deve manter-se afastado delas.

(8) o material e o equipamento conduzido pelo Reconhecimento deve ser o mais sumário possível, apenas o imprescindível, inclusive quanto à alimentação. Vimos que VON STUMM e seus homens e animais passaram um dia inteiro sem comer; o sistema da época, *viver dos meios locais*, obrigou-o a requisitar o que necessitava de pessoas cuja lealdade era problemática; com isso, *mostrou* o Reconhecimento e possibilitou uma identificação desnecessária. A História não registra se foi, ou não, o moleiro das proximidades de DIESEN que denunciou a presença de VON STUMM às tropas francesas que, na manhã do dia 7 de agosto, o atacaram próximo a GRINHOFF e já ocupavam CARLING, por onde procurara retrair... Passar despercebido, continua a ser uma boa regra...

(9) as melhores e mais completas informações tornam-se inúteis se não são enviadas a tempo de serem utilizadas.

#### HAVERÁ SEMPRE UMA CAVALARIA...

Acompanhando o progresso tecnológico e a evolução que os novos meios materiais vêm trazendo às organizações militares, a Cavalaria vai abandonando o cavalo para adotar as viaturas de todos os tipos que constituem hoje, ao lado de outros materiais, o seu equipamento normal. Mas tem sabido conservar intacto o *espírito* pelo qual se materializou a luminosa tradição de glória acumulada nos campos de batalha, pelo mundo afora, em todas as épocas.

Os soldados de Cavalaria são, por hábito histórico, exemplos da mais dinâmica e desprendida audácia. Embora com novos meios de luta, a Cavalaria **Ê, E SERÁ SEMPRE, A ARMA DO MOVIMENTO, DA MANOBRA, DA SURPRÊSA!** Permaneceram aquelas suas missões tradicionais — **RECONHECER, TOMAR CONTACTO, PERSEGUIR, RETARDAR** — que a Arma, **ANTIGA E NOVA**, cumprirá com a paixão romântica de ontem e o rigor técnico de hoje!

O fiel e antigo companheiro, que tantas vezes levou os cavaleiros à vitória ou ao sacrifício, encetou o seu Adeus aos campos de batalha mas permanece o meio animado do esporte apaixonante e audacioso que educará e incutirá nos jovens o gosto pelo perigo, o espírito de decisão e de iniciativa, a audácia e a obstinação no cumprimento das missões.

Que os modernos Cavalarianos Blindados, nos seus Carros e viaturas, permaneçam fiéis, **EM ESPÍRITO E EM PROCEDIMENTO OPERACIONAL**, ao antigo imperativo da Arma — **JOGAR A ALMA ALÉM DO OBSTÁCULO...**